



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

UMA TRADUÇÃO SIMBÓLICA DA METRÓPOLE - IMAGEM E DISCURSO DE JOVENS DO CONTEXTO RURAL SOBRE SÃO PAULO E SUAS INTER-RELAÇÕES COMUNICATIVAS COM SEUS PARENTES: O CASO DA VILA RURAL DE SÃO DOMINGOS – SERTÃO DE PERNAMBUCO¹

Ricardo Duarte GOMES

Mestre em Comunicação e Administração
Universidade Federal Rural de Pernambuco

RESUMO

Objetiva-se compreender o imaginário dos jovens rurais do estado de Pernambuco acerca de São Paulo, edificado através das relações de comunicação, mantidas com seus familiares paulistas. Analisam-se duas épocas imaginadas: (1) a cidade de São Paulo antiga, presente face à memória oral dos idosos, participantes, eles mesmos, do grande êxodo rural de nordestinos, entre os anos de 1960 a 1970; (2) a São Paulo moderna, testemunha ausente do desejo incontido dos jovens habitantes do contexto rural pernambucano na contemporaneidade. Infere-se que a resposta do jovem diante da proposta de “*melhoria de vida*” na metrópole é na direção do progresso aparente, presenciado no “*outro*” que visita o sertão, vestido de terno e gravata. Idêntica necessidade se vê no jovem de hoje, no desejo de inclusão, mediante a idéia de “*ser moderno*”, ou seja, “*ser paulista*”, visto no outro que veste outro tipo de indumentária moderna, mas que é o estereótipo do “*bem de vida*”, referência para a “*melhoria de vida*”. Isto simboliza uma representação de inclusão social aparente visto no “*outro-moderno*” e significa uma inclusão utópica que não se completa no real.

**PERNAMBUCO – COMUNICAÇÃO RURAL
COMUNICAÇÃO RURAL E IMAGINÁRIO
NORDESTE (BRASIL) – ÊXODO RURAL**

1 INTRODUÇÃO

As diferenças regionais entre as cidades menos desenvolvidas do sertão pernambucano e a cidade de São Paulo não apenas evidencia a obviedade das distinções socioeconômicas e culturais (entre outras) como também alimenta um imaginário urbano, existente antes mesmo da ação migratória, nos sentidos da população rural. Nisto cabe dizer que o movimento de deslocamento populacional historicamente conhecido do êxodo rural à metrópole paulista ao longo de décadas, oculta como testemunha deste real um movimento simbólico na direção do que São Paulo representa na vida cotidiana dos sujeitos de contexto rural em Pernambuco.

Significa dizer que o êxodo rural de nordestinos a São Paulo das prosperidades parece não somente se explicar exclusivamente pelos fatores reais das constantes secas, pela fome ou absoluta falta de oportunidades. Duplamente, a realidade da fome ou da “*miséria*” se interpõe ao irreal produzido na construção do imaginário da cidade rica, próspera, de um “*bem de vida*” padrão a ser seguido por todo o nordestino, pelo “*bem calçar*”, “*bem vestir*” aliado ao “*bem alimentar*”. Ou seja, necessidades básicas e supérfluas potencializados em símbolo, o símbolo que São Paulo representa enquanto melhoria de vida.

Na sua origem (talvez entre os anos de 1960 e 1970), a gestação desse imaginário urbano de riquezas, tomado pelo sujeito rural pesquisado a partir dos dados da realidade objetiva da “*miséria*”, só é possível com a exaustão do rural, a partir das políticas socioeconômicas dos governos militares de beneficiamento dos oligopólios nacionais e internacionais aliado ao arrocho salarial e ao detrimento da pequena e média empresa urbana e

¹ Trabalho apresentado no NP09 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica e Ambiental, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



agropecuária e propriedades rurais de economia familiar. O que há é maior expansão das tecnologias da informação no meio rural nordestino, a partir de 1970, com a instalação das antenas retransmissoras que distribuíam os sinais das grandes emissoras abertas de televisão do País e o barateamento dos aparelhos de televisão (TV) e o lançamento dos satélites (*Projeto BrasilSat*), nos anos de 1980 e 1990, que possibilitaram a instalação de antenas parabólicas nas singelas casas dos grotões do sertão pernambucano. O que não há são políticas de sustentabilidade econômica dessas regiões, investimentos logísticos à produção da agricultura familiar, políticas à implementação de atividades não agrícolas. Ou seja, enquanto, por um lado, cresce o poder de informação sobre a metrópole paulista com a TV, por outro, a realidade objetiva não muda, o que significa dizer que o imaginário da prosperidade é reproduzido, apesar de tomar outras formas na contemporaneidade.

1.1 O processo das inter-relações comunicativas

Para se ter idéia destas formas imaginárias do urbano paulista entre os jovens do contexto rural pesquisado na contemporaneidade, é necessário entendermos os jovens do contexto rural no passado, para termos condições de comparar as respostas simbólicas produzidas por estes sujeitos em ambas as fases, em função de suas tensões e seus conflitos retirados da realidade objetiva.

Ao relacionarmos as duas imagens de São Paulo representada pelos jovens rurais – a antiga e a moderna – vê-se a evolução do imaginário urbano da metrópole, atravessando as duas fases, na proporção do crescimento do processo das inter-relações comunicativas desses jovens com seus familiares na Paulicéia. Este processo permite tornar São Paulo cognoscível para os sentidos da população rural ao longo dos anos, mas o conhecimento da metrópole por esta população rural, no passado, configura-se tão ilusório e desconhecido quanto o conhecimento da São Paulo nos dias de hoje, pois o imaginário urbano parece não ter condições de acompanhar a realidade objetiva da cidade que se torna megalópole. Ou seja, o imaginário urbano de São Paulo, a partir da perspectiva do contexto popular rural estudado está indissociado das condições socioeconômicas e culturais da região.

As relações comunicativas desta sociedade rural com a sociedade urbana paulista da São Paulo antiga à São Paulo moderna, dá-se em função de maneiras de se comunicar ao alcance da referida sociedade rural.

As cartas postais, durante muitos anos, pautam a imagem da cidade, junto com a oralidade – no contar histórias sobre pessoas que “*se deram bem*” na cidade – e com a interpessoalidade – no contato dos rurícolas com os “*paulistas*” no espaço público do rural. Pode-se dizer que a edificação do imaginário da São Paulo antiga se dá pelo conteúdo das cartas, que pertenciam a um **discurso**: o discurso do “*paulista*”, agente de interpretação que servia aos sentidos da população rural na construção do conhecimento da metrópole.

Por isto, não somente as relações comunicativas estabelecidas pelas correspondências postais fomentavam a imagem da cidade no meio rural, mas os comentários entre os grupos de vizinhança da localidade (de parentesco e de compadrio), a comunicação verbal no diálogo com o “*paulista*” e, de maneira especial, a comunicação visual do “*matuto mal vestido*” e “*mal calçado*” diante do “*paulista bem vestido*” e “*bem calçado*”.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

No espaço público do rural, o “*paulista*” quando chega em visita é colocado pela própria comunidade rural investigada na posição “*central*”, de destaque, por onde este chama a atenção para o significado do sujeito “*paulista*”: aquele que saiu do rural para melhorar e volta “*bem de vida*”.

Pode-se dizer que, do centro das atenções irradia-se um modo de ser moderno e paulista que atrai e seduz os jovens do contexto rural, à margem da sociedade moderna que está representada pelo “*paulista*” no “*centro*”. Diferentemente da idéia de São Paulo como centro econômico-industrial de onde se irradiam os valores urbanos que fomentam fatores de atração à cidade (Durhan, 1973, entre outros), parece haver um outro “*centro*” irradiador de valores urbanos, bem mais próximo da perspectiva simbólica da população rural a respeito de São Paulo que a própria existência do urbano-industrial da Paulicéia enquanto pólo de desenvolvimento.

Seria este “*centro*” o servidor da idéia de **inclusão social** para estas populações rurais, pois os sinais de prosperidade vistos no outro constituem inclusão utópica por meio desta aparência de melhoria de vida, já que, em São Paulo, estes mesmos sujeitos nordestinos colocados no centro das atenções pela comunidade rural posicionam-se à margem da sociedade urbana moderna, assim como a maioria dos nordestinos em São Paulo, naquela época.

1.2 A comunicação epistolar e a comunicação interpessoal

O conteúdo das cartas postais, os comentários das mesmas cartas na localidade, a comunicação verbal no diálogo com o “*paulista*” e a comunicação visual, alimentam o discurso do indivíduo “*moderno*” e “*paulista*” no meio rural pesquisado. Os sujeitos representantes da modernidade da Paulicéia funcionam como mediadores do imaginário da cidade à população rural, pois os ajustes nos sentidos realizados por esta última ocorre na medida em que os sinais de prosperidade alicerçados por este discurso confirmam a idéia de prosperidade e melhoria de vida.

As correspondências postais possuem características funcionais e discursivas próprias: (a) funcionais: como a ritualidade do escrever uma carta, a expectativa do recebimento, o uso da mesma para enviar o dinheiro do remédio e da comida, os sujeitos em visita que serviam como mensageiro para os outros que ficavam na cidade, a leitura das cartas pelos jovens alfabetizados e/ou professores; (b) discursivas: a repetição das mesmas



idéias de melhoria de vida, sobre a questão do serviço na cidade, o divertimento, o modo de vida, os desejos, gostos, costumes urbanos, a necessidade de contar na carta mais vantagens do que desvantagens na cidade, o envio de fotografias de familiares, da casa própria, do estilo de vida, das ruas e dos edifícios modernos da metrópole. Antes mesmo das primeiras visitas, a carta já funcionava como instrumento de comunicação fundamental na construção da imagem da cidade.

No surgimento dos primeiros visitantes da cidade – filhos dos pequenos agricultores rurais que partiam à cidade – surge outra forma de comunicação, além do escriturístico e da oralidade aprendida pelas cartas. O *visual* do “*paulista*” chama a atenção das moças e dos rapazes, pois a indumentária moderna do terno e da gravata contrastava com as vestimentas simples do rurícola.

2 INSTÂNCIA TEÓRICA

Nosso estudo insere-se nas pesquisas em comunicação indissociada das culturas populares na contemporaneidade, na linha teórica de Canclini (1982) sobre as formas de comunicação do popular com o massivo.

Como se sabe, o massivo origina-se no popular após a crescente industrialização e urbanização das cidades após a Segunda Guerra, quando os trabalhadores migrantes do meio rural formam nas metrópole um novo modo de vida popular. O massivo não nasce dos meios de comunicação de massa, mas das sociedades contemporâneas, segundo Martín-Barbero (1993) que recomenda não reduzir o massivo aos mídias, pois trata-se de um princípio de compreensão dos novos comportamentos do popular. Neste sentido, procuramos perceber que o massivo seriam os valores irradiados pela cultura urbana, especificamente a paulista. Ao longo dos anos, São Paulo se torna emissor de valores à comunidade rural pesquisada, mas um



emissor indeterminado, pois para a perspectiva dos sujeitos rurais não há como apreender a totalidade compreensiva da metrópole, nem mesmo traduzi-la de forma plena. A tradução simbólica que a comunidade rural faz da metrópole, neste caso, estaria fragmentada, por conta da apropriação desigual dos bens simbólicos que é típico das culturas populares, mas também em virtude de uma cidade que só faz crescer e mudar, tornando-se sempre uma incógnita para os sujeitos estudados.

Por isto, tomamos o que diz Ianni (1993, p. 14) a respeito da sociedade nacional que *"está sendo recoberta, assimilada ou subsumida pela sociedade global, uma realidade que ainda não está suficientemente reconhecida e codificada"*, salientando que ser desconhecida parece ser característica desta sociedade global – na qual pertencem os valores urbanos de São Paulo. E isto, como diz o autor, exige desafios empíricos, metodológicos, históricos, teóricos, novos conceitos, outras categorias e diferentes interpretações.

Por conta disto, a sugestão de Jensen; Rosengren (1993) para os estudos de recepção parece ser apropriada não como cerne de nosso trabalho – que não pretende ser um estudo de recepção, mas da comunicação entre o massivo e o popular – mas como técnica de investigação. Os autores recomendam investigar a proposta do emissor para situar a produção de sentidos do receptor face esta proposta. Seguindo esta técnica, podemos dizer que parece existir um *"emissor imaginário"* ou desconhecido em sua totalidade que fornece uma proposta de melhoria de vida da qual o popular responde como solução para seus conflitos e tensões cotidianas.

Momesso (1994), com base em Junger Habermas, fala sobre o homem comunicativo que se relaciona com instâncias de relação ao alcance de sua atuação social¹ enquanto indivíduo pertencente a uma classe social. O sujeito se comunica através de instâncias relacionais em função de seu ambiente e de suas vontades, ou seja, a população rural pesquisada mantém relações



com seus familiares paulistas a partir de formas de comunicação que estão ao seu alcance: cartas, visitas (mais na São Paulo antiga), telefone e TV (mais na São Paulo moderna).

A partir do estudo de suas relações comunicativas, podemos identificar a identificação do popular com os valores deste massivo ou emissor desconhecido, que é a modernidade paulista. Na tentativa de entender, ao menos um pouco, a proposta anunciada por esse emissor, vemos em José de Souza Martins (2000), uma definição de modernidade que sustenta nossa análise:

“É o anúncio do possível, embora não se realize; é a mistificação desmistificadora das grandes possibilidades de mudança humana e social que o capitalismo inventou, mas não é capaz de realizar; é a imposição instauradora na consciência coletiva de cada grupo humano de todo o catálogo de concepções e alternativas de vida, disponíveis no mercado globalizado; é o anúncio de coisas possíveis em um mundo possível, mas que não contém nenhum item, nesse mercado, que diga como conseguir tais recursos”.

Os valores da sociedade urbana, especificamente a paulista, engendrados ao longo dos anos na comunidade rural investigada, representa uma proposta de melhoria de vida na cidade que não se conclui, que não se completa, assim como *“São Paulo e as evidências de uma modernidade que era superficial e apenas aparente e assim continua sendo.”* (p.27). Completa o autor sobre a modernidade:

“É na travessia, na passagem, no inacabado e no inconcluso, no permanente incompleto, no atravessar sem chegar, que está presente o nosso modo de ser (...). A modernidade nos chega, pois, pelo seu contrário e estrangeira, como expressão do ver, e não como expressão do ser, do viver e do acontecer.” (p.27).

¹ O autor se refere mais ao trabalho dos dirigentes sindicais e define comunicação como o trabalho de relação comunicativa destes com instâncias sociais: população, política partidária, outras instituições e a própria



Enfim, é pelas aparências de melhoria de vida que os sujeitos analisados neste estudo se relacionam, comunicativamente, e migram para São Paulo. Esta seria o pensar do urbano como representação, o que significa dizer que a cidade real comporta em si outras cidades ao longo da história, ou seja, tanto os vestígios arqueológicos quanto os sonhos e desejos das pessoas sobre ela compõem as cidades de uma cidade (Pensavento, 1996). Como diz a autora, a São Paulo imaginada não é menos “*real*” do que a realidade objetiva, não é uma representação livre, mas toma sua identidade dos dados da realidade objetiva.

Ou seja, “*miséria*” e “*fome*” da realidade objetiva se mesclam ironicamente com a “*prosperidade*” e a “*riqueza*” do imaginário reproduzido nos sentidos da comunidade rural. a partir dos óculos da absoluta falta de oportunidades de trabalho e sobrevivência, tem-se a imagem do “*paraíso paulista*” de um modo de vida popular nordestino ideal e norte a ser seguido pelas demais gerações. Uma imaginação reprodutora (Chauí, 1995) da realidade objetiva reprodutora da mesma situação social, imaginação que se dirige não para as coisas em si, mas para o símbolo que estas coisas representam (Baczko, 1985), no caso, na direção do que São Paulo representa enquanto símbolo de melhoria de vida.

Percebe-se que há o dito da aparência de progresso e o não dito da realidade objetiva na cidade, diferente do anunciado no meio rural. Se o sujeito migra para a metrópole a partir da aparência no discurso do outro, quando adentra a vida cotidiana no mundo moderno, se vê numa condição social e cultura diferenciada: de patrão no rural passa a empregado no urbano e, quando retorna à terra natal em visita aos parentes, a sua situação aparente de centro das atenções no rural oculta a marginalidade ou a situação na periferia da cidade.

O imaginário urbano paulista é construído por estes indivíduos com base no discurso do outro que escreve ou chega de São Paulo, encarnando sinais de prosperidade (terno, gravata, novas histórias, presentes, novo jeito de ser, novo linguajar, remessas de dinheiro pela carta, fotografias do novo mundo). Este sujeito, que toma o centro das atenções no meio rural,

instituição.



posiciona à margem os outros indivíduos que ficam ao redor, desejando ser como ele ou ter a mesma experiência dele no mundo urbano.

As articulações teóricas de Jovchelovicht (1995) a respeito de espaço público (em Junger Habermas) e *“espaço potencial”* ajudam este estudo a perceber que os sinais de prosperidade vistos no outro *“paulista”*, que está no centro das atenções da comunidade rural, relaciona o irreal e o real na medida em que é do discurso da realidade objetiva que a população rural pesquisada pauta um *“espaço potencial”*, o espaço dos símbolos, dos mitos e dos imaginários. Neste se constrói uma *“ilusão besta que não se domina”* (como dizem os próprios interlocutores), pois trata de um imaginário que possui certa autonomia em relação ao pensamento da população rural, mas que está incondicionalmente atrelado a realidade objetiva.

3 INSTÂNCIA METÓDICA

Seguindo as orientações de Lopes (1999) sobre pesquisa em comunicação que utiliza um multimétodo de análise, este estudo se apropria do que diz Meihy (1998) sobre história oral de vida, percebendo o discurso do *“paulista”* a partir do dito e do não dito em Orlandi (2000). As definições para o imaginário, coletamos da maneira didática com que Chauí (1995) ensina. Ou seja, a imagem de São Paulo é testemunha da realidade objetiva e, justamente por isto, a imagem tem poder de presentificar o ausente.

Definimos três grupos de estudo para a realização das entrevistas, planejando a condução das gravações, transcrição, conferência, autorização para uso das correspondências postais, arquivamento e publicação (Meihy, 1998).

Os grupos de estudo são: os migrantes de retorno, com idade acima dos 55 anos; os indivíduos resistentes à migração, com idade mínima de 55 anos;



e os jovens rurais com idade entre 15 a 25 anos, estudantes de uma escola pública do município de Buíque, Pernambuco.

4 INSTÂNCIA TÉCNICA E OPERACIONAL

Utilizamos na instância técnica e operacional, entrevistas semi-estruturadas, com uso do diário de campo, mapeando posteriormente, o discurso dos sujeitos entrevistados a partir de temas emergentes na entrevista e de temas selecionados a partir dos objetivos da pesquisa, definidos pela leitura realizada sobre o assunto e guiados por nossas indagações. Esses temas compõem o programa de entrevistas.

- ❑ **Para os migrantes de retorno:** origem da motivação, grau de vontade, grau de vontade nos jovens de hoje, representação de São Paulo, o conteúdo das cartas e a influência simbólica do outro;
- ❑ **Para os jovens do contexto popular rural:** origem do conhecimento sobre São Paulo, preferências pessoais de comunicação, preferências pessoais pelos valores paulistas, representação da cidade, comunicação interpessoal e influência simbólica do outro;
- ❑ **Para os que resistiram à migração:** amigos migrantes, relação de parentesco, notícias no rural, comentários, vontade de migrar, influência simbólica do outro e representação.

Utilizamos Spink (1995) para auxiliar na forma de manipulação dos dados: (a) transcrição da entrevista; (b) escuta do material gravado com a leitura do material transcrito; (c) retomar os objetivos da pesquisa e definir o objeto da representação, mapeando as representações a partir do programa de entrevistas, levando em conta, também, os temas emergentes nas entrevistas; (d) construção de mapas que transcrevem as entrevistas; (e) transportar as associações para um gráfico, pontuando as relações numa análise interna e, posteriormente, numa análise com o marco teórico.

E Richardson (1999), para a composição descritiva do estudo: (1) **área de execução da pesquisa** – zona rural do município de Buíque, distante 285 km da capital Recife; (2) **população da pesquisa** – famílias rurais, pais e filhos de agricultores que tiveram parentes que migraram para a cidade de São Paulo; (3) **tipo da amostra e determinação de seu tamanho** – amostragem por quotas em um número de cinco famílias; (4) **forma de seleção dos sujeitos da pesquisa** – grupos de idosos, com mais de 55 anos, que nunca migraram ou que tiveram uma experiência apenas de ir para a Paulicéia, que possuam ou não cartas de parentes e sejam o destinatário das cartas. Grupos de jovens de, no máximo 25 anos, que nunca migraram ou que já migraram para São Paulo, mas estão de volta.

5 A COMUNICAÇÃO SOB DAS DUAS METRÓPOLES: A ANTIGA E A MODERNA



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A imagem de São Paulo edificada pelas instâncias de relação comunicativas ao alcance dos sujeitos rurais é dividida pelos migrantes de retorno em duas fases: a São Paulo antiga da prosperidade e a São Paulo moderna da “*decadência*” desta prosperidade:

“Pra mim São Paulo é uma cidade com duas fases distintas.² Na época que eu fui foi uma maravilha, mas agora pelo que eu vejo pela televisão tudo em São Paulo é uma desgraça (...). Só se vê roubo, criminalidade (...). Na época que eu fui, São Paulo era um canteiro de obras. Tinha muita oferta de emprego.” (Nadilson Almeida, 58 anos).

Sobre a São Paulo da prosperidade, falam os migrantes de retorno e os indivíduos que resistiram à migração em massa naquela época, mas também sobre a São Paulo moderna, além do relato dos jovens rurais de hoje, há o comentário dos idosos. Para São Paulo antiga, convergem notícias de um imaginário de riqueza e prosperidade que, no caso da população estudada, parece ter sido o fundamental motivo da emigração do Estado nos anos de 1960 e 1970, diferentemente da idéia estabelecida ao longo dos anos de um êxodo rural nordestino em virtude da seca ou da miséria no campo. Vide os relatos dos migrantes de retorno e suas afirmativas de que se migrava pela prosperidade, pela novidade que a Paulicéia representava. Com base em suas formas de comunicação que tornavam cognoscível a Paulicéia, migrava-se pelo costume de mandar os filhos para a metrópole, de ter uma vida melhor longe do trabalho na roça, migrava-se por causa do outro “*paulista*” que voltava “*bonito e luxuoso*” de São Paulo:

“Aqui o camarada num se tinha como esperar mais nada, ele num tinha nem noção de futuro! São Paulo era o presente (...)! Era pelo que aparecesse (...). Não se fazia

² Deste ponto em diante, são nossos os grifos realizados nos relatos dos entrevistados. Na estrutura de organização do texto, opta-se pela consideração de cada entrevista na sua verticalidade, esgotando-se cada representação por entrevistado.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

previsão do que ia acontecer, era o que der e vier (...). Era pela prosperidade por que era novidade.” (Simplício da Silva).

“Conhecimento de São Paulo, a primeira vez que eu fui eu num conhecia nada, né? Eu fui pra aventurar (...). Meu irmão já tava lá, então eu disse eu vou, quem sabe a coisa num melhora mais (...). Foi mais a vontade de ter uma vida melhor, mermo. O que fez mermo eu ir era a vivência da gente aqui, né?”(Joaquim Merêncio).

“As primeiras pessoas a andar para lá voltaram para aqui bem, e a gente começou a viajar para lá (...). Era um parente, um irmão ou um tio que chamava e assim foi.”

(Valdeci Domingos).

“Eu queria conhecer São Paulo por quê todo mundo tem esse desejo de ir pra São Paulo, né? (...). Eu era novo e queria conhecer coisas novas (...). Fui só pra ver como é que é, né?” (Nadilson Almeida).

“Eu tinha vontade de sair daquela vida de roça. Eu tinha vontade, vontade, vontade. Via os amigo que iam embora e, com um certo tempo eles vinham tudo bem arrumado, falava melhor (...). Aí aquilo me dava a vontade de conhecer, saber como era...”

(Agenor da Silva).

E entre os indivíduos resistentes à migração, as moças migravam atrás de um bom partido para casamento, os rapazes no sonho de “*enricar*”, “*ficar numa boa*” e conseguir mais oportunidades de melhorar de vida:

“Mas se falava muito de lá (...). Ah, quando se dizia que ia pra São Paulo, aí já se achava que todo mundo ia. Tinha que enricar, ficar numa boa, né? Ficava difícil da gente ter notícia aí a gente achava que tudo era verdade, mas às vezes nem tudo era verdade, né? A gente não via, não tinha como vê, televisão não havia (...). Isso era o sonho dos jovens de ir pra São Paulo (...). As moças, as mulheres a



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

fim de um bom partido. E a ilusão de ir pra São Paulo era que tinha muitos nordestinos, mais oportunidades... (Iolanda, 62 anos).

“Estou me sentindo muito feliz em todo a minha vida como agora. Arrumei um homem que está me fazendo muito feliz. Já comprou de tudo e então, amanhã, eu vou morar com ele. E pode se arrumar que quando eu sair de férias vou lhe buscar (...). Então quero ficar junta, ser feliz ao lado do homem que amo, da mãe que eu amo e do filho que adoro.” (Carta de Doriana Almeida, do dia 8/8/1991).

Da comunicação visual emanavam os sinais de prosperidade, que compunham o discurso do “*paulista*” nas cartas e encarnado no comportamento, na oralidade e na vestimenta dos sujeitos. Por estes sinais, a população rural investigada construía a imagem da Paulicéia, tanto hoje quanto ontem. Na oralidade, na medida em que os migrantes que retornavam em visita, contavam histórias de um lugar que havia fartura até de água:

“Um lugar bom pra ver as coisas, a gente vê limpo, as condições de roupa boa, comer bem (...). Lá tudo era diferente e mais melhor. Era o que mais atraía em São Paulo.”
(Valdeci Domingos).

“Naquela época tinha muitas placas, precisa-se de trabalho, precisa-se de trabalho, então isso me chamou a atenção (...). Correspondeu aquilo que o povo falava. Diziam: Olha vai pra lá que o povo trabalha! (...)” (Nadilson Almeida).

“São Paulo era o coração do Brasil, diziam (...). Uma terra que ninguém planta e vivia carregada de chuva (...)! E chovia direto(...)!”
(Simplício da Silva).

Mas um “*coração*” desconhecido, sempre incompreensível em sua totalidade por parte dos sentidos da população rural estudada. Algo estranho e estrangeiro. Por isto, São Paulo era uma “*novidade de vida*”:

“Eita mundo lindo, isso aqui é um sonho! É uma nova terra, um outro mundo, comparado até com uma espécie de estrangeiro! (...). Uma terra nova, onde se vê muita coisa (...). A comida era diferente, as coisa era mais barata, a vidazinha popular, um regime nordestino de se viver...” (Simplício da Silva).



Esse discurso do “*paulista*” transbordava nas cartas, situando-se na oralidade, no comportamento e na indumentária dos indivíduos. As correspondências com a notícia da “*terra nova*” eram distribuídas pelos grupos de vizinhança e compadrio ou entregues pelos próprios “*paulistas*” em visita:

“Era na carta e a carta mermo num dizia tudo. Eles num sabiam ler, nem escrever, e por aí ficavam sem comunicação, como tavam vivendo. O meio de notícia era o correio ou quando um ia ou outro voltava, trazendo carta. E nos sítio carta era difícil de chegar. Era mais quando vinha uma pessoa. Só quem morava na cidade (rural) era que recebia carta nas casa do povo na cidade e a cada oito dias, dias de feira, o pessoal entregava. Ou do contrário só quando vinha uma pessoa de São Paulo trazendo notícia. Aí num tinha distância, podia ser uma légua, duas, três, o importante era que se conhecesse a pessoa. A turma nunca deixava de mandar dinheiro pelas carta que os outro levava, como hoje mermo (...). Quase todo mundo na região era cumpade. Aí diziam: O filho de cumpade cicrano chegou, é mais ele ia chegar mermo, já tinha me avisado, ele escreveu dizendo que ia chegar...” (Agenor da Silva).

“Então todo o sábado ele ia pra Buíque. Então todo o tempo já vinha e o avô dela tinha por obrigação ir lá e trazer as carta para o povo da região. Sobre carta nunca teve dificuldade de chegar, não.” (Joaquim Merêncio).

Pelas correspondências, as fotografias da urbanidade da metrópole construía a idéia do “*novo mundo*” nos sentidos da população rural pesquisada, seduzindo os sujeitos do meio rural.

“Era isso que atraía mais a gente. Aqueles prédio muito alto também chamava muito a atenção, a turma batia foto e mandava pra família, tirava foto das ruas, dos prédio e mandava. Aí era isso que incentivava mais o povo, né? Ficavam dizendo: queria ir embora pra lá (...) isso é que é lugar bonito, né? Aquilo lá é uma diferença total”. (Valdeci Domingos).

“Mandava foto, quem ficava por aqui tinha saudade e vontade de conhecer também, quando num era por carta era por telegrama. A vontade de ir veio das cartas, das história que o povo que vivia lá, a parentela. Quem morava lá e a parente ficava aqui,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

então se comunicava por carta (...). O pessoal dizia que queria ter conhecimento dessa cidade que tem um bem de vida melhor e com isso tinha a comunicação dos que estão lá com saudade, dos que ficaram (...). Aí o nortista dizia vamo-que-vamo! (...). De lá pra cá me comunicava com minha família por carta e foi pela carta que fui tomando gosto e tal...” (Simplício da Silva).

Mandar dinheiro pelas cartas, em espécie ou em comprovante de depósito, também estabelecia um sentido à população rural de “poder”, pois era o dinheiro do remédio, da alimentação, de algumas dívidas:

“Primeiro, este dinheiro foi da outra vez que ele veio. Mande falar se ele entregou (...). Zezinho veio, eu estava de férias. Mandei 5 mil (cruzeiros) por ele, recebeu. Eu mandei 5 e a Severino mando 5.” (Carta de Doriana Almeida, do dia 16/12/1982).

“Tudo bem, a senhora está certa, mas eu achava melhor nós três aqui, mas a senhora acha melhor lá [em Buíque], não posso fazer nada, só que o que eu fazia fico fazendo a mesma coisa: o que eu puder mandar eu mando (...). Vai 400 cruzados (...). Um beijo de sua filha que não esquece.” (Carta de Doriana Almeida, do dia 9/1/1990).

“Saí de férias dia 6, mas não dá pra mim ir lá [para Buíque] que as férias do Josenildo foi no dia 26 e vai começar dia 13. Ele tá indo bem na escola. Só se eu voltar de férias ou a firma mandar embora. Se não mandar, para o ano eu vou (...). Não fique preocupada pois tá tudo bem. Vai 70 mil.” (Carta de Doriana Almeida, do dia 9/7/1992).

Os sinais de prosperidade estavam no próprio motivo de escrever uma carta. Parece que muitos só escreviam quando estavam “bem de vida”. Isso denota a cultura de aparências que envolvia as cartas. Era necessário perpetuar a imagem de prosperidade de São Paulo para que os migrantes que retornavam em visita pudessem manter *status* no meio rural de centro das atenções, mesmo que, em São Paulo, sua condição de vida, à margem e na periferia, fosse precária:

“Só dava notícia se tivesse numa situação financeira boa, né? Só queria vir passear no Nordeste quando tivesse numa situação boa. Se não, nem notícia dava.” (Iolanda).

“[Pergunta feita a José Cariboreto]: *E o que o senhor escrevia em São Paulo?*

“Agora aí era contando a vida (...). Inclusive uma vez eu escrevi uma carta aqui contando minha vida que tava boa demais em São Paulo. Eu morava era num barraco de vime e num dia cismaram comigo por causa do dinheiro da pensão. E o dinheiro num dava pra pagar nada, ela me botou da pensão pra fora e fui morar mais Eurico. Quando chegou lá, Eurico disse: Olha, cama num tem! E nem coberta.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Tem aqui algumas coisa de jornal, dá pra tu quebrar o galho? Eu disse: dá (...)! Eu me passei bem uma semana dormindo no jornal. E tava naquela vida boa em São Paulo...” (José Carboneiro).

“Só ir e voltar pra casa de condução, de ônibus, essas coisa, aquilo já era um divertimento. Quando chega a hora de fazer ficha numa firma, por pequeno que fosse o nome, se achava grande. Se dizia: eu agora tô com tudo! E ia logo uma carta pro Norte: Eita, tô empregado, ganhando tanto por mês, a coisa aqui tá melhorando...” (Simplício da Silva).

Encarnado no comportamento e na vestimenta do indivíduo que chegava em visita de São Paulo, os sinais de prosperidade da metrópole completa o discurso do “*paulista*”, um mero agente de interpretação da modernidade da metrópole. No depoimento do senhor Agenor percebe-se o ritual que posicionava o “*paulista*” como centro das atenções no meio rural, pois havia o momento de contar histórias sobre aquele “*novo mundo*”, entregar cartas, presentes e se exhibir com roupas novas e modernas para a população rural, à margem, ao redor daquele indivíduo “*moderno*” no centro.

“Quando foi a noite, tinha umas 20 pessoas lá em casa, pra pegar carta, por que eu trazia uma mala cheia de carta, pra tudo o que era conhecido da região. Num mandava somente por mim, não, qualquer um que chegasse por aqueles sítio trazia as malas cheia de carta. E presente pra um, pra outro (...). Camisa, dinheiro, objetos (...). As vezes você trazia uma mala cheinha de presente pros outro. Quando a gente chegava a casa enchia de gente pra conversar e saber das família.” (Agenor da Silva).

“...tinha muita gente que queria saber informação pra migrar também. Tinha muita gente (...). Pra poder ir pra lá também, né?” (Nadilson Almeida).

“A primeira pergunta era se tava bom de serviço e a resposta era de que tava bom e aí ia levando os outro, incentivando. As carta falava do camarada buscando o irmão, avisando pra o pai que tava muito bem, que tinha uma casinha (...). Era umas carta muito grande, chegava uma carta e a gente pagava [na cidade] pra uma pessoa ler.” (Simplício da Silva).

O “*paulista*” influencia, sobremaneira, a vontade e a decisão por migrar para São Paulo, pois os sujeitos do meio rural percebiam a possibilidade de inclusão social nas aparências ou na ilusão de melhoria de vida, uma inclusão no que o “*paulista*” representava enquanto centro das atenções (o dito no discurso), mas não enquanto marginalizado na periferia da Paulicéia (o não dito do discurso):



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“É ilusão. Ilusão. Você sabe que quando uma pessoa é iludida com uma coisa ela só acredita vendo, né? (...). Ilusão de ficar bem, de arrumar alguma coisa (...). Agora fica com essa ilusão besta desde pequeno, por que ele só tira a dúvida quando vai.” (Simplício da Silva).

A ilusão de melhoria de vida na metrópole caminha indissociada da realidade objetiva do rural que “não avança”:

“É questão que ainda tem uma ilusão de São Paulo, né? É desespero por quê tá a muito tempo no Nordeste e num tem avançado nada...” (Nadilson Almeida).

“Ilusão (...)! É o que digo sempre, a gente vive de ilusão. Se você num tem as coisa você pensa de ter e a ilusão leva a vida pra frente, no meu modo de pensar. E eu acho que todos nós pensa. E ilusão a gente num domina mermo, né?” (Joaquim Merêncio).

Ilusão de pertencer a um status social diferenciado da sociedade rural:

“Vaidade com ilusão, é a merma coisa. Por que se eu tenho vaidade, eu vou pra São Paulo com vaidade (...). São Paulo é um engano. Qualquer um que for pra lá ele se engana, pensa que vai lá melhorar a situação quando chega lá é a merma coisa. Ficar pior. Por que aqui ainda tem casa pra morar e lá num tem, fica no meio da rua.” (José Carboneiro).

“É uma grande ilusão São Paulo. São Paulo já dá pra quem já é de lá. O povo vai pra São Paulo, passa dois, três anos, quatro, quando vem de lá hoje só vem mermo com a roupa do corpo e uma ´muda´ (de roupa) pra vestir. Num vejo riqueza. E ainda vem pro mermo lugar.”(Nilza).

“É mais ilusão. Hoje é mais ilusão. Tá cego procurando onde não tem mais. O pessoal enjoa de tá por aqui, não se acostuma, por que fez conhecimento lá, se comunica com um parente, essa coisa...” (Simplício da Silva).

“É ilusão. Ilusão. Você sabe que quando uma pessoa é iludida com uma coisa ela só acredita vendo, né? Então é isso: ilusão. Não se tem a vitória que tinha antes, não. Quem vai pra lá só vai bater cara mermo. Agora acho que hoje tá indo mais gente pra São Paulo. Antes ia somente aquela família, se localizava. Aqui quando da época ia um, dois (...). Mas agora aqui tem semana que vai cinco a seis pessoas. Os que vem pra passear sai levando uns aos outros. O pessoal daqui tá indo demais, deixaram a roça e tudo pra ir pra São Paulo.” (Nadilson Almeida).

A inclusão social através do símbolo que São Paulo representa enquanto prosperidade de vida foi a herança que os jovens do contexto rural do passado deixaram para os jovens da atualidade. Mesmo de posse de outras instâncias de relação



**comunicativa, como o telefone e a TV, os jovens de hoje desejam migrar para São Paulo, na
ilusão de “ficar bem”:**

“Hoje não é mais. Até o nome diminuiu. Aquele conhecimento que se dizia: Vamo conhecer São Paulo, e tal (...). Aqui acabou-se. Esse nome de São Paulo como o coração do Brasil ficou meio atrapalhado, por que tudo tá moderno hoje.” (Simplício da Silva).

“Acho que hoje tá indo pouco por que a mão-de-obra em São Paulo encurtou muito. (...). O que acontece é que tem uma parte em São Paulo de estudo, de progresso, de futuro hoje que tá melhor, mas ainda se tem mais chance lá do que ficar por aqui pelo Nordeste, onde nem trabalhar se trabalha mais.” (Nadilson Almeida).

O imaginário de São Paulo é reflexo da realidade objetiva da migração e São Paulo se estabelece como o lugar de recorrência da população da vila rural pesquisada, da mesma forma que os jovens recorrem ao imaginário instituído da metrópole para justificar o seu dito com base em um “já dito”:

“se um faz uma coisa boa, diz que vai pra São Paulo por que vou trabalhar, se outro faz uma coisa ruim aqui corre pra São Paulo. Tudo o que fazem aqui, de bom ou de ruim, corre para São Paulo.” (Iolanda).

O discurso “*paulista*” da Paulicéia da prosperidade entra em “*declínio*” na medida em que os sinais de prosperidade vistos na realidade objetiva, também, se desestabilizam. Acostumados a verem pessoas migrarem para nunca mais voltarem ou retornando em visita com aparência de melhoria de vida, pessoas da comunidade rural como a senhora Nilza acha que São Paulo já deu o que tinha que dar:

“É uma grande ilusão São Paulo. São Paulo já dá pra quem já é de lá. O povo vai pra São Paulo, passa dois, três anos, quatro, quando vem de lá hoje só vem mermo com a roupa do corpo e uma ‘muda’ (de roupa) pra vestir. Num vejo riqueza. E ainda vem pro mermo lugar. (...). Pra mim num significa nada São Paulo. Se São Paulo fosse bom a turma num ficava pra lá e pra cá, né? Passam três mês em São Paulo, três no Nordeste e assim levam a vida assim, pra lá e pra cá.” (Nilza).

Mesmo com todos estes sinais, os jovens da atualidade ainda sonham com o “*el dorado brasileiro*”, na medida em que a cidade proporciona *status* entre os amigos da comunidade. Sempre influenciados por aqueles que já



estão na metrópole, os jovens reafirmam o “já dito” de gerações antecessoras. Alguns, como a jovem Cláudia, sentem-se predestinados a migrar para a cidade grande:

“Muitos não têm vontade de ir. Mas muitos dos meus colegas, primos e primas, quando deram vontade já estavam lá. E logo no começo me falavam que era difícil, mas agora não (...). Mas com tudo isso (o desemprego e a violência) eu ainda vou (...). Eu sempre tive vontade de ir em São Paulo. Nasci com essa vontade e vou ir se Deus quiser. A gente quando nasce e vai crescendo, já sente vontade de alguma coisa. Toda a vida tenho um sonho. Sei que não vou realizar, mas eu tenho vontade de ir pra São Paulo e ser repórter. Sei que eu não vou ser, mas tenho essa vontade (...). Sempre telefono e mando cartas também (...). Algumas pessoas por telefone, outras eu me comunico por cartas. Por que algumas pessoas (em São Paulo) tem telefone e outras não.” (Cláudia).

“Eu queria conhecer lá. Eu tenho vontade de ir pra São Paulo (...) eles ficam Eita, mas é uma cidade muito violenta (...). Mas eu num vou olhar por esse lado, não, tenho que olhar para o outro lado também. O lado bom de lá também. Não vou olhar só a violência, as mortes, não. Tem que olhar as coisas bonitas que tem em São Paulo também.” (Adrielle).

As notícias via instâncias de relação comunicativa regulam a imagem da metrópole e alguns jovens serviam de leitores de cartas para seus pais e avós iletrados:

“Quando as notícias não são tão boas, se diz: mas rapaz lá tá muito ruim, muito desemprego (...). Aí a gente fica um pouco assustado de sair daqui e ir pra lá, com medo do desemprego (...). Quando se fala que lá é muito bom, tem emprego, a gente tem a ansiedade de poder conhecer (...). São Paulo é uma grande metrópole, onde você está desempregado e pode arriscar ir para lá, trabalhar e voltar algum dia com alguma coisa.” (Jobson).

“O que influencia mais hoje é o telefone. Mas na carta eles falavam que lá era muito bom (...). Geralmente as cartas eram escritas pra minha avó e sempre quem lia e escrevia pra ela era eu.”³ (Jaqueline).

“Minhas primas sempre escreviam pra mim me chamando pra ir para lá, depois falei com ela por telefone (...), isso foi agora. Antes, com uns 13, 14 anos, eu num tinha vontade não. Não escrevia pra ela então num criei essa vontade. Depois dos 18, 19, 20 aí, a gente começou a falar por carta, depois por telefone. Aí senti vontade, tenho muita vontade de ir em São Paulo.” (Adrielle).

³ Ao que parece, é comum os jovens de alguns anos para cá servirem como leitores e escritores das cartas para seus pais e avós que não acesso ao estudo no passado da mesma forma como possuem os jovens de hoje.

1 Trabalho apresentado no NPO9 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica e Ambiental, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Os “*paulistas*” hoje continuam como centro das atenções, assim como no passado. Continuam funcionando como mensageiro das cartas dos outros e de mensageiro da modernidade paulista e seus valores simbólicos que pautam o imaginário da Paulicéia. Os “*paulistas*” são diferentes, mais espertos, com um jeitinho engraçado que chama a atenção. Quando se sabe da chegada dos “*paulistas*” nas vilas rurais – em geral no período junino e natalino – muitos moradores ficam ansiosos à espera das notícias que estes trazem e deles enquanto notícia:

“É totalmente diferente do Norte, do pessoal daqui do Pernambuco. Voltam diferente. Eles chegam diferente a voz, acho que lá pegam um sotaque, chegam com a voz totalmente diferente.” (Cláudia).

“Se vestem melhor, mais bem (...). Quando sai daqui volta mais ‘cabeça’, como na gíria mais ‘desenrolado’, quando vão pra lá se passam uma dificuldade já voltam com uma certa experiência, já amadureceu (...) e o que acontece é isso. Tenho vontade de ir para ter novas experiências.” (Jaqueline).

“É eles chegam uma pessoa mais diferente, o modo de se vestir diferente, a voz, gírias (...), engraçadinho, né? Tudo maluco.” (Daiana).

“As pessoas daqui ficam muito ansiosas nessa época esperando a chegada deles. Sempre quando se tá esperando alguém, sempre faz uma festa, procura ajeitar a casa, vai um na casa do outro (...). É uma festa quando chega alguém de São Paulo, por que passa muito tempo para você ver e quando tem uma oportunidade você num deixa passar não. É bom estar perto conversando com essas pessoas (...). Quando eles voltam eles passam muito tempo pra vim (...). São muito diferentes por que o pessoal de lá as roupas deles são muito estranhas, aquelas roupa folgada, muito estranho (...). Eu gosto. Acho bonito. O pessoal daqui já num são muito não (...). O pessoal de São Paulo são mais educados, tem muitas pessoas educadas em São Paulo (...). São pessoas boas (...) e isso atrai pra ir pra lá.” (Adrielle).

“Ficam. Ficam à espera deles que vêm a passeio, trazem notícias de como é lá, isso tudo (...). Ah, conversava como era lá, diziam ah lá é muito bom (...). Sempre se comenta pelos sítios, sempre as meninas ficam ah, tem um paulistinha por ali (...)! Ah, são diferentes. Pela maneira de se vestir, modo de falar, né, as gírias (...). Às vezes, eles são diferentes porque eles vêm mais diferentes, mais orgulhosos (...). As coisas daqui não interessam muito a eles. As coisas muito daqui, sabe?” (Jaqueline).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação comunicativa dos jovens do contexto rural estudado, tanto ontem quanto hoje, organiza e estabelece a imagem referente a São Paulo através do discurso de seus familiares “*paulistas*”. No espaço público da



vila rural pesquisada, a produção de sentidos que gera a imagem da metrópole se institui enquanto símbolo de melhoria de vida num outro nível de espaço, o espaço potencial, que permite a construção de uma “*ilusão besta que não se domina e que existe desde pequeno*”, ou seja, uma imagem estrangeira que exerce uma força de atração – por isso não se domina – e que parece ser fomentada ao longo de gerações sucessivas nas famílias do contexto rural investigado. O espaço potencial, portanto, é testemunha do real visualizado no espaço público local e se presentifica pela memória histórica e cultural dos sujeitos pesquisados na localidade.

Parece que, no caso estudado, o êxodo rural foi provocado muito mais por uma atração de melhoria de vida do que de sobrevivência em virtude das secas, isso por que o imaginário urbano de São Paulo parece funcionar diferente de acordo com cada região e em função da miséria existente. Mas em ambos os casos, a riqueza da metrópole sempre se presentifica como testemunha da falta de oportunidades locais.

As formas de comunicação deste sujeito comunicativo que age para obter informações sobre São Paulo, configuram-se como a resposta que esses sujeitos fornecem aos seus conflitos e tensões, em suas determinadas épocas históricas e culturais. As formas de comunicação não mudam, no caso estudado, mas surgem outras em virtude do crescimento tecnológico, muito mais competente que as políticas públicas nessas localidades com fins de desenvolvimento integral e sustentável. A comunicação serve para o conhecimento do valor que a cidade proporciona aos nordestinos, perpetuando o imaginário urbano de riqueza ou “*desestabilizando-o*”, talvez, momentaneamente.

7 REFERÊNCIAS

- BACZKO, B. Imaginação social. In: _____. **Enciclopédia Einandi**. Lisboa: Casa da Moeda, 1985. v. 5.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- DURHAN, E. R. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- IANNI, O. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. IN: ADORNO, S. (Org.). **A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1993. p.14-25.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. IN: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1998.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MOMESSO, L. A. **Comunicação sindical**: limites, contradições e perspectivas. 1994. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.

PESAVENTO, S. J. Entre práticas e representações: a cidade do possível e a cidade do desejo. IN: RIBEIRO, L. C.; PECHMAN, R. **Cidade, povo e nação**: gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 377-396.

RICHARDSON, R. Jarry. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.